

O RECOBRIMENTO DO BRASIL

Na Terra do Descobrimento, a restauração da Mata Atlântica muda velhos hábitos e traz de volta ao sul da Bahia espécies da fauna em perigo de extinção

texto | SÉRGIO ADEODATO

MOSAICO VERDE

Corredor Monte Pascoal-Pau Brasil: Mata Atlântica recoberta onde o País foi descoberto



GALHO PRÓPRIO

Os mico-leões-de-cara-dourada levados para o Rio de Janeiro terão de volta, reflorestado, o habitat de onde foram tirados, no sul da Bahia

Procura-se um novo lar na natureza para os micos-leões-de-cara-dourada que habitam a Serra da Tiririca, perto de Niterói (RJ). Originários de uma região de Mata Atlântica bem longe dali, na Bahia, eles chegaram à floresta fluminense anos atrás pelas mãos de traficantes. Reproduziram-se e agora, na competição por espaço e alimento, ameaçam a população nativa de outra espécie de primata – o mico-leão-dourado, em perigo de extinção, protegido ali perto na Reserva Biológica de Poço das Antas. Deslocar os micos “invasores” exige logística complexa. São 120 indivíduos, divididos em 15 grupos no habitat. O desafio é encontrar um fragmento de mata na região original da espécie, em ótimo estado de conservação, onde possa conviver em harmonia com outros animais, tanto

sob o ponto de vista genético como de comportamento. “É tudo isso sem qualquer risco de desmatamento ou caça”, afirma Leandro Jerusalinsk, do Centro Nacional de Primatas, coordenador dos estudos que envolvem instituições e cientistas do País e do exterior para o planejamento da arriscada operação.

Várias áreas vêm sendo criteriosamente analisadas para receber os micos. Entre as candidatas mais fortes está uma fazenda coberta por vegetação nativa, protegida pela empresa de celulose Veracel, próximo à sua fábrica em Porto Seguro (BA). O motivo da possível escolha é simples: graças ao esforço para conectar pedaços isolados de Mata Atlântica na região, os macacos – como a fauna em geral – conseguiriam transitar por espaços maiores, trocar genes para a garantia de uma reprodução saudável e, assim, encon-

A volta das harpias

Com 6 mil hectares de mata ao lado de extensos plantios de eucalipto que abastecem a produção de celulose e papel, nos municípios baianos de Santa Cruz de Cabrália e Porto Seguro, a Estação Veracel é mais que uma reserva ecológica particular mantida intacta para as gerações futuras. Constitui laboratório vivo para educação ambiental e estudos sobre como a fauna e a flora se comportam diante da conexão de fragmentos da Mata Atlântica.

“A prioridade é a regeneração natural da mata em paisagens impactadas, mas também a recompomos com reflorestamento, que consumiu até hoje 400 mil mudas nativas”, informa Renato Carneiro, diretor da Veracel que há duas décadas trabalha no extremo-Sul da Bahia. Ele garante: “Mosaicos de floresta natural e eucalipto estão resgatando a qualidade ambiental da região”.

Termômetro dessa realidade é o que acontece naquele pedaço de Mata Atlântica com a harpia, uma espécie que se impõe pela beleza e, principalmente, pelo papel que protagoniza na natureza. Como ave de rapina, situa-se no topo da cadeia alimentar. E sua presença é sinal de um ambiente saudável e bem conservado.

Sobre esse assunto, a equipe de biólogos que monitora a fauna na Estação Veracel tem duas notícias: uma ruim e uma boa. A ruim é que uma harpia apreendida de traficantes e reintroduzida por nove anos em cativeiro acabou morrendo



quatro meses após voltar à natureza. Antes do episódio ela chegou a ser flagrada na floresta comendo uma preguiça de

3,5 quilos, o que demonstra o sucesso

da reabilitação. Suspeita-se que tenha sido vítima de caçadores. A novidade boa é que uma outra ave da mesma espécie, também recuperada e devolvida para a floresta, foi recentemente avistada fazendo ninho na companhia de um macho.

“Essa história terá um final feliz”, garante Alexandre Dias, o tratador que cuidou das harpias para a soltura. Ele trocou a condução de tratores em lavouras pelo trabalho na coleta de sementes para reflorestamento. E hoje integra o grupo de vigilantes que protege as matas da Estação Veracel contra caça e invasões. Entre seus colegas, Antônio Delgado aprendeu os segredos da floresta com o pai, um lavrador da velha guarda que derrubava árvores para abrir roça. Agora o vigilante aplica os conhecimentos como guia de educação ambiental, conduzindo visitantes nas trilhas da Mata Atlântica, que naquela área abriga 52 espécies de anfíbios, 53 de répteis, 38 de mamíferos e 302 de aves.

trar melhores condições de sobrevivência.

Veados, onças-pardas, mutuns e outras aves raras, como a harpia, frequentam aquelas terras (leia no box acima). Como resultado da maior conservação, animais antes sumidos retornam ao habitat. Mas a vitória exige atenção, porque a fauna farta atrai caçadores. Eles tinham amainado o ímpeto, mas recentemente foram flagrados na calada da noite por câmeras que monitoram o comportamento noturno das espécies na floresta. A questão preocupa. Tanto assim que o Ibama inaugurou neste ano um Centro de Triagem de Animais Silvestres (Cetres) na entrada da Estação Veracel – uma porção de Mata Atlântica mantida intocável como Reserva Particular do Patrimônio Nacional (RPPN).

As novas instalações acolhem, tratam e, em muitos casos, devolvem à natureza ma-

Quem refloresta ganha das empresas que “compram” a captura do carbono para compensar a emissão de poluentes

míferos, aves e répteis resgatados pela fiscalização. Ao lado, localiza-se uma recém-construída base da Polícia Ambiental baiana. É questão estratégica, tendo em vista que aquele pedaço, cortado pela BR 101, é rota do tráfego. Em 2009, foram apreendidos na região 1,8 mil animais. “Agora será mais fácil recebê-los e repatriá-los em seu habitat de origem”, explica a bióloga Aline Borges, do Cetres.

Estamos no Corredor Monte Pascoal-Pau Brasil, riquíssimo em biodiversidade em meio a pastagens e plantios de eucalipto. A zona foi definida como de alta importância para conservação mediante cruzamento de

Os poderes da piaçava

Ela se casou muito nova para ser sustentada pelo marido e aliviar a penúria dos pais na criação de seus cinco irmãos. Anos depois o casamento não deu certo e dona Lurdes de Jesus (na foto, a 3ª da esq. para a dir.) encontrou na piaçava um meio de sustento para tornar-se independente e tocar a vida ao lado dos quatro filhos. “Consegui melhorar a casa e finalmente ter banheiro com vaso sanitário”, conta. Em Ponto Central, comunidade cercada por eucalipto no município de Santa Cruz do Cabralia (BA), a fibra extraída das palmeiras é esperança na luta contra a pobreza, dentro de um projeto que mobilizou mulheres a se organizarem em cooperativa para produção de artesanato.

Avisos e memorandos fixados na parede indicam o grau de organização de um grupo feminino que antes não tinha qualquer expectativa de renda e hoje vende para lojas de cidades turísticas 54 modelos de bandejas, potes, jarros e outras peças de piaçava. “Mais que dinheiro, a questão é de autoestima”, afirma Silvaneide Santos, presidente da cooperativa, que hoje reúne 27 mulheres e integra o Fórum Florestal, onde representantes de movimentos



SÉRGIO ADEODATO

sociais debatem soluções para manter o sustento sem destruir a mata.

Com apoio do Instituto BioAtlântica, a iniciativa reflete a importância da questão social para proteger a Mata Atlântica. A palmeira de piaçava, nativa da região, cresce rápido em áreas alteradas e é explorada de maneira predatória, fornecendo fibra para diversos produtos – de vassouras a forro para bancos de automóveis e caminhões. A proposta é o uso sustentável dessas árvores, para que permaneçam mais tempo nos fragmentos florestais como abrigo de fauna e fonte para captura de carbono e geração de renda.

Além da piaçava, também madeira de lei como piraju, sucupira e arruda é derrubada ilegalmente para confecção de gamelas, bandejas, colheres de pau e outros objetos, ainda hoje fartamente vendidos na beira das estradas. “Pelo menos 6 mil árvores são abatidas por ano com essa finalidade, envolvendo 300 artesãos”, estima Oscar Artaza. Ele idealizou um projeto para substituir a madeira nativa pela de eucalipto, que é menos predatória e tem 30% mais rendimento.



FOTOS: SÉRGIO ADEODATO

PLANTADORES

De um mutirão popular surgiu uma cooperativa de cultivadores de muda (pág. seguinte), presidida por José Dias (à dir.), que sustenta dezenas de famílias

mapas da fauna, flora, atividades econômicas, relevo, população e área urbana, entre outros fatores. “A estratégia foi selecionar áreas-âncora para concentrar esforços de proteção, restauração florestal e geração de renda”, explica a bióloga Chris Holvorcem, do Instituto BioAtlântica, em Porto Seguro. A instituição articula parceiros e mobiliza proprietários no Corredor Central da Mata Atlântica, que se estende por toda a faixa litorânea do Espírito Santo ao Recôncavo Baiano.

Entre os rios Jequitinhonha e Jucuruçu foram mapeadas unidades de conservação e mais de 2,6 mil fragmentos de floresta nativa, 80% deles minúsculos, de até 50 hectares. Nesse território, os pesquisadores focaram a bacia do rio Caraíva, entre os parques nacionais do Monte Pascoal e Pau Brasil, e desenharam rotas para a conexão dos remanescentes

florestais. É como um quebra-cabeça, no qual as peças são bons pedaços de mata que escaparam da devastação ao longo dos séculos.

Fazendeiros são incentivados a preservá-los e a permitir o plantio de mudas. “A meta é proteger 20 mil hectares da floresta e restaurar outros 4 mil”, anuncia Chris, com uma novidade: parte ocorrerá mediante plantios para crédito de carbono. Serão cultivados 1 mil hectares com espécies nativas em lugares desmatados até 1990, fixando 1,2 milhão de toneladas de carbono da atmosfera.

A área foi palco neste ano do primeiro projeto na Mata Atlântica reconhecido internacionalmente pelo *The Climate, Community and Biodiversity Alliance* (CCBA), organismo que comprova a eficiência na captura de carbono. Foram aprovados inicialmente 317 hectares, capazes de absorver 100 mil toneladas de dióxido

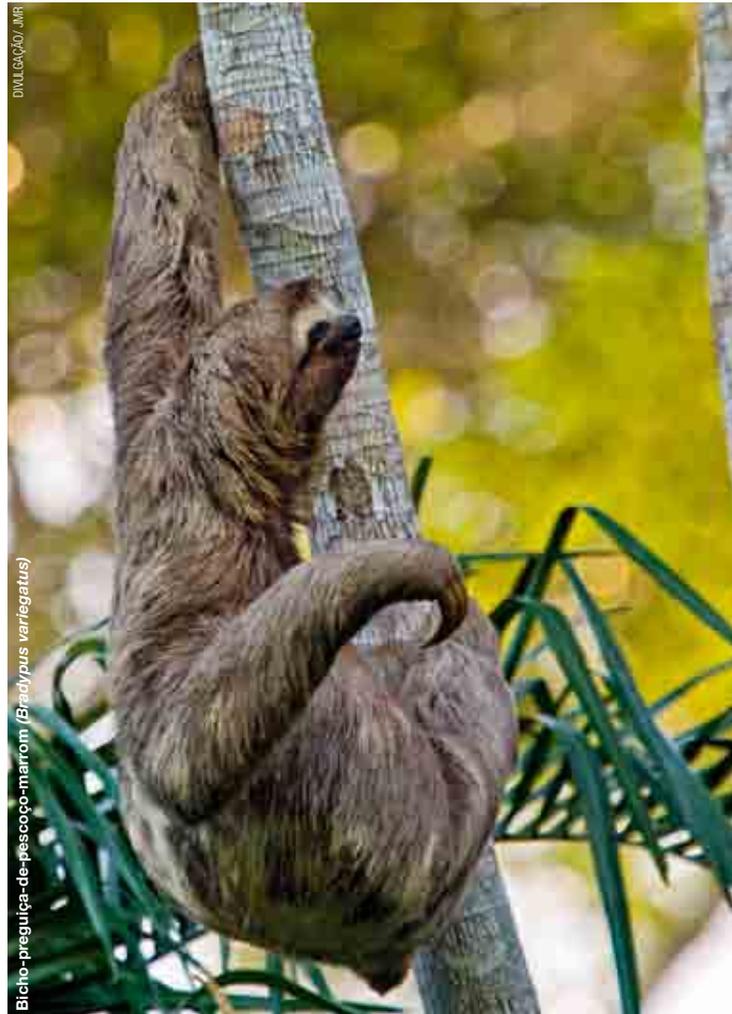
de carbono por 30 anos. Os proprietários assinaram compromisso para conservar a mata nesse período. E empresas como Kraft, Neoenergia e Natura “compraram” o carbono a ser capturado para compensar suas emissões de gases do efeito estufa, gerando renda e recursos financeiros para bancar a conservação e novos plantios.

Na Fazenda Limoeiro, em Itabela (BA), uma das quatro do projeto, o proprietário Pedro Covre reduziu o gado e cercou a pastagem que começa a ser reflorestada para compor a reserva legal e proteger a borda de uma lagoa. A área também recebe mudas pagas pela Petrobras como compensação pela construção de um gasoduto. Ali próximo, na Fazenda Sempre Viva, seu irmão Olival planta pau-brasil. A mata nativa em franca recuperação divide espaço com plantios de eucalipto

ex-lavradores e ex-caçadores hoje vivem da formação de viveiros de mudas que vendem aos reflorestadores

to e café. “Tudo mudou quando começamos a fornecer madeira à fábrica de celulose, que exige rigor nos padrões ambientais”, diz Ricardo Covre, filho do proprietário. Agora, o crédito de carbono dá novo alento à região.

Na Fazenda Sossego, vales despelados ganham nova paisagem, no trabalho de restauração que se amplia no Corredor Monte Pascoal-Pau Brasil. O cultivo de mudas é realizado pela Coopplantar, cooperativa de plantadores de floresta, inédita no País, criada a partir de um mutirão popular para proteção do rio Caraíva, ameaçado pelo desmatamento das cabeceiras. “O trabalho antes voluntá-

Dançarino-de-cabeça-vermelha (*Pipra rubrocapilla*)Bicho-preguiça-de-pescoço-marrrom (*Bradypus variegatus*)

FAUNA DE VOLTA

O reflorestamento atrai espécies como o cabeça-encarnada e a preguiça-de-três-dedos (fotos acima). Na pág. seguinte, O coletor David (esq.) e o viveirista Cláudio

rio tornou-se um negócio que hoje sustenta dezenas de famílias”, conta José Dilson Dias, presidente da cooperativa.

Ex-caçador de pássaro, Dilson hoje se dedica a convencer proprietários rurais a plantar árvores. Sob sua liderança, os cooperados Cristiano Cardoso e Carlos Soares ganharam nova fonte de renda. Antes tinham como único sustento a travessia de turistas em canoas para a vila de Caraívas. Mas hoje, na baixa temporada, ganham R\$ 600 mensais no cultivo de mudas nativas nas fazendas.

São aroeiras, cedros, jacarandás e muitas outras. O trabalho tem como base científica o guia do Pacto pela Restauração da Mata Atlântica, elaborado pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo (Esalq/USP), em Piracicaba. As regras garantem o sucesso do reflorestamen-

to, desde o roçado até o monitoramento das mudas. E também promovem a diversidade genética, com plantio de pelo menos 80 diferentes espécies por área equivalente a um campo de futebol.

Fazendeiros que antes cediam áreas a madeireiros em troca de capim para criado adquiriram novos hábitos. “O desafio é fazê-los pagar o preço justo pelas mudas que hoje recebem de graça, subsidiadas por projetos de carbono”, aponta Cláudio Ambrosini, responsável pelo viveiro Natureza Bela. Lá estão sendo produzidas 250 mil mudas para recompor o verde em paisagens castigadas.

Os viveiros são abastecidos por sementes coletadas na natureza por David dos Santos Souza, o Marola, e sua turma de mateiros. “No começo, os irmãos criticavam e me chamavam de maluco”, diz o rapaz, habilidoso em

subir no alto de palmeiras com cordas. “Mas meu pai, já falecido, apesar de ter derrubado muita árvore para serrarias, teria orgulho de ver o filho reflorestando”. Ex-jardineiro de pousada, Marola começou plantando mudas nativas em garrafas plásticas para vender aos turistas. Depois fez curso para preparar sementes antes do cultivo. “A de jatobá precisa ser lixada para quebrar a dormência”, explica Marola, com ar de professor e três salários mínimos no bolso todo mês.

Subindo de árvore em árvore, consegue recolher por dia perto de 7 mil sementes. Quarenta por cento do que encontra fica por lá, para alimentar animais e manter a mata. “Vi a floresta encolher pela ação dos carvoeiros”, lamenta Marola. Hoje, ex-lavradores, coletores de sementes ganham três vezes mais abastecendo viveiros. “Gerar renda e subs-

Desmatamento e caça não fazem mais sentido para as novas gerações, plugadas na internet e nas redes sociais

tituir atividades econômicas degradantes é essencial para garantir o uso sustentável”, afirma Volney Fernandes, da Flora Brasil. A organização não governamental coordena as ações do Mosaico de Unidades de Conservação da Mata Atlântica – fórum que integra diferentes setores e soluciona conflitos. O diálogo e a questão social são chaves para reduzir ameaças como desmatamento e caça, aos poucos banidas pelas novas gerações. Fernandes conclui: “Plugados na internet e nas redes sociais, os jovens já não encontram sentido em capturar animais silvestres”. 🌱